

ENSINO DAS ARTES VISUAIS PARA PESSOAS CEGAS OU COM BAIXA VISÃO A PARTIR DAS OBRAS DE LYGIA CLARK

TEACHING VISUAL ARTS TO BLIND OR LOW VISION PEOPLE FROM LYGIA CLARK WORKS

ENSEÑANZA DE LAS ARTES VISUALES PARA PERSONAS CIEGAS O CON BAJA VISIÓN A PARTIR DE LAS OBRAS DE LYGIA CLARK

Rosimeri Caetano Barbosa da Rocha¹
Lucilia Maria Goulart de Andrade Bonfim²

Resumo

Este estudo teve o propósito de verificar meios de ensinar artes visuais para pessoas cegas ou com baixa visão a partir das obras da artista Lygia Clark. Alguns dos passos galgados foram conceituar deficiência visual, apresentar as contribuições e possibilidades de adaptações de materiais para o ensino de artes visuais para alunos cegos ou com baixa visão, selecionar as obras da artista plástica Lygia Clark — *Casulos, Bichos, Superfícies Moduladas* e *Obras Moles* —, e verificar como adaptá-las para que o aluno cego ou com baixa visão realmente tenha acesso a elas. Para tanto, foi utilizada como método para coleta de dados a pesquisa bibliográfica, através de referencial teórico sobre o ensino das artes visuais no contexto da educação inclusiva. A partir da análise de dados foi possível destacar a importância de adaptar materiais para a inclusão do aluno com deficiência visual no ensino de Artes Visuais; os resultados são os benefícios que o ensino de artes pode trazer para a vida do aluno com deficiência visual. Foi possível compreender que o ensino de artes promove a inclusão e estimula a criatividade, abre horizontes e estreita relações; dessa forma, fica claro que é possível o ensino de Artes Visuais através das obras da artista Lygia Clark. Os estudos foram baseados em Mosquera (2014), Fernandes (2013), Reily (2004), Lourenço (2017), entre outros.

Palavras-chave: Deficiência visual. Inclusão. Artes visuais. Lygia Clark. Adaptação de materiais.

Abstract

This research aimed to verify ways of teaching visual arts to people who are blind or have low vision based on the works of the artist Lygia Clark. Some of the steps taken were to conceptualize visual impairment, present the contributions and possibilities of adaptations of materials for teaching visual arts to blind or low-vision students, select the works of the artist Lygia Clark — *Casulos, Bichos, Superfícies Moduladas* and *Obras Moles* —, and see how to adapt them so that the blind or low vision student really has access to them. Therefore, bibliographic research was used as a method for data collection, through the theoretical framework on the teaching of visual arts in the context of inclusive education. From the data analysis it was possible to highlight the importance of adapting materials for the inclusion of students with visual impairment in the teaching of Visual Arts; the results are the benefits that teaching of arts can bring to the life of students with visual impairment. It was possible to understand that the teaching of arts promotes inclusion and stimulates creativity, opens horizons and close relationships, thus it is clear that it is possible to teach Visual Arts through the works of the artist Lygia Clark. The studies were based on Mosquera (2014), Fernandes (2013), Reily (2004), Lourenço (2017), among others.

Keywords: Visual impairment. Inclusion. Visual arts. Lygia Clark. Material adaptation.

Resumen

¹ Graduada em Licenciatura em Artes Visuais. Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: mericaetanobarbosa@gmail.com.

² Professor do Centro Universitário Internacional UNINTER. Graduada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Especialista em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2003. E-mail: luciliabonfim@gmail.com.

Este estudio tuvo el propósito de verificar formas de enseñar artes visuales a personas ciegas o con baja visión, a partir de las obras de la artista Lygia Clark. Algunos de los pasos fueron definir deficiencia visual, presentar las contribuciones y posibilidades de adaptaciones de materiales para la enseñanza de las artes visuales para alumnos ciegos o con baja visión, seleccionar las obras de la artista plástica Lygia Clark — *Casulos*, *Bichos*, *Superficies Moduladas* y *Obras Moles* —, y verificar cómo adaptarlas para que el alumno ciego o con baja visión realmente tenga acceso a ellas. Para ello, se utilizó como método para la recolección de datos la investigación bibliográfica, por medio de referencias teóricas sobre la enseñanza de las artes visuales en el contexto de la educación inclusiva. A partir del análisis de los datos, fue posible destacar la importancia de la adaptación de materiales para la inclusión del alumno con deficiencia visual en la enseñanza de Artes Visuales; los resultados son los beneficios que la enseñanza de las artes puede aportar para la vida del alumno con deficiencia visual. Fue posible comprender que la enseñanza de las artes visuales permite la inclusión y estimula la creatividad, abre horizontes y estrecha relaciones; de esa forma, queda claro que es posible la enseñanza de las artes visuales a partir de las obras de la artista Lygia Clark. Los estudios se apoyaron en Mosquera (2014), Fernandes (2013), Reily (2004), Lourenço (2017), entre otros.

Palabras-clave: Deficiencia visual. Inclusión. Artes visuales. Lygia Clark. Adaptación de materiales.

1 Introdução

O ensino de artes visuais significa para o aluno cego ou com baixa visão uma quebra de barreiras, pois promove o seu desenvolvimento de forma significativa, respeitando suas limitações e aprimorando suas potencialidades, inclusive no que diz respeito à vasta opção de materiais que podem ser usados e adaptados.

De forma geral, esta pesquisa busca conhecer as dificuldades encontradas pelo educando cego ou com baixa visão e compreender os benefícios que o ensino de artes visuais pode lhe facultar, a partir das obras da artista Lygia Clark e da adaptação de materiais, de forma a garantir o acesso a releituras de obras da artista e promover o entendimento da obra de arte.

Diante desse desafio, um fator que permanece em evidência é a importância do professor como mediador fundamental para esse processo de inclusão e de ensino-aprendizagem do aluno cego ou com baixa visão. Apesar das dificuldades encontradas no âmbito escolar e das limitações que a própria sociedade impõe — como barreiras arquitetônicas e atitudinais —, ainda assim o professor é o fio condutor para uma educação significativa, para quebrar barreiras e promover a inclusão de fato. Portanto, buscou-se reunir dados e informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: Como é possível ensinar artes visuais para alunos cegos ou com baixa visão a partir das obras da artista Lygia Clark?

2 Possibilidades de adaptações de materiais para o ensino de artes visuais para alunos cegos ou com baixa visão

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), criada em 1961, significou uma grande oportunidade de avanço na educação escolar de pessoas com deficiência. A Lei nº 4.024/61, no seu Art. 88 diz que “A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade” (BRASIL, 1961). A menção feita é sobre a possibilidade de o aluno acompanhar aulas regulares, de maneira que não vemos grandes esforços para que de fato a inclusão ocorra. É somente em 1996, com a Lei nº 9.394/1996, nos artigos 58, 59 e 60 (BRASIL, 1996), que podemos observar a valorização dada a educandos com necessidades especiais, pois se fala de apoio especializado na escola regular, aspectos conceituais e organização político-pedagógica (FERNANDES, 2013).

Pode-se dizer que, apesar de existirem muitas iniciativas em prol da inclusão das pessoas com qualquer tipo de deficiência, ainda temos um longo caminho a percorrer, para que realmente a inclusão ocorra. Porém, podemos dizer que há cada vez mais esforços para incluir alunos com deficiência visual no sistema regular de ensino, principalmente quando este é um direito garantido por lei. Assim sendo, é preciso buscar caminhos para melhorar a aprendizagem do aluno a partir de suas limitações.

O ensino de artes tem um papel fundamental na vida dos educandos, uma vez que contribui para a formação de indivíduos críticos e criativos, que podem ajudar na transformação da sociedade e do mundo em que vivemos (BARBOSA, 2004). Barbosa (2004) ressalta que o ensino das artes promove a formação de um ser mais completo, para além da sala de aula. Trata-se inegavelmente da grande contribuição que o ensino das artes pode proporcionar para o processo de ensino-aprendizagem de alunos cegos ou com baixa visão.

Assim, há particular relevância em uma abordagem multissensorial, que facilitará todo esse processo, ajudando a superar os desafios impostos pela falta de visão. O aluno será capaz de identificar diferentes texturas, formas e tamanhos, usando os sentidos que tem disponíveis: tato, olfato e audição. É interessante salientar que o ensino das artes visuais dará acesso ao conhecimento artístico a todos os alunos, tendo em vista que a arte tem papel fundamental no processo de inclusão, pois permite ao aluno com deficiência ultrapassar barreiras e superar limites.

Podemos dizer que as aulas de artes têm um alto valor para o aluno; por meio delas, ele pode demonstrar e resgatar o mais profundo de seus sentimentos, além de ampliar a

sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação. Com isso o aluno adquire um conhecimento significativo, que irá contribuir para o seu desenvolvimento. Conforme citado acima, Barbosa (2004) deixa claro que as ferramentas a serem utilizadas serão de fundamental relevância para aperfeiçoar capacidades.

O professor tem papel fundamental nesse processo, onde as experiências ultrapassam o simples fazer em prol do conhecimento, das técnicas, do conhecer e sentir o mundo por meio do toque. Sendo assim, é necessário que conceitos sejam concretizados por meio de vivências e recursos didáticos, de forma a contemplar as diversidades na escola (BRUNO; MOTA, 2001).

De acordo com Bruno e Mota (2001), trabalhos de estimulação contínuos e consistentes são necessários com crianças de baixa visão, de forma a desenvolver habilidades voltadas, entre outras, à percepção corporal, espacial e auditiva.

A adaptação de materiais permite criar caminhos para acesso e compreensão do aluno cego e com baixa visão. É importante considerar que existem instrumentos e ferramentas fundamentais para o trabalho com esses alunos; neste caso, por exemplo, a correta utilização mostra-se indispensável para assegurar aulas mais acessíveis. Explorar diferentes conteúdos a partir de diálogos e materiais concretos propiciará ao aluno um aprendizado relevante.

Assim, pode-se dizer que, para que haja uma aprendizagem significativa do educando cego ou com baixa visão, é preciso estimulá-lo em todos os sentidos, de forma a despertar e utilizar todo o seu potencial. O tato é o sentido que pode aprimorar a capacidade perceptiva e a organização mental do educando, desta forma, a exploração sensorial é necessária e o uso de recursos deve ser considerado pelo professor de artes.

3 Lygia Clark: artista contemporânea brasileira

O sentido do tato faz com que o aluno cego ou com baixa visão perceba sensações por meio do contato com o objeto exposto. Dessa forma, as sensações táteis permitem a criação de imagens mentais, formando representações internas, que irão servir para ajudá-lo a se situar no mundo. Daí a importância de proporcionar diferentes experiências e através delas conhecer-se a si mesmo, ao outro e ao espaço em que se está.

Lygia Clark (1920 – 1988) foi uma pintora e escultora brasileira que fez parte do Movimento Neoconcreto. De acordo com Barros (2003), Lygia Clark estimula o conhecimento sobre o corpo por meio da sensorialidade, intermediando subjetividade e objetividade a partir da sensibilidade e a utilização do corpo a favor da percepção. Lygia

rompe com os padrões de museu, onde o espectador é um mero observador da obra, que não pode ser tocada. Suas obras precisam do espectador para se revelarem, pois o convida a participar ativamente, de forma que possa tocá-la e senti-la, fazendo com que se torne parte da obra.

A artista oferece, por meio de suas obras, uma experiência sensorial, sentimentos de emoção e afeto; permite sentir a arte por meio do tato e das sensações. Sendo assim, Lygia Clark, através de seus trabalhos multissensoriais, oferece essa relação, que é justamente o que a pessoa com deficiência visual busca para conhecer o mundo, se situar nele e sentir-se como sujeito ativo e participativo.

É importante ressaltar que Lygia Clark é uma importante artista brasileira, rompeu barreiras e testou os limites da arte, estreitou a relação do sujeito com o objeto e aproximou a arte do sujeito. Ora, com o objetivo de que suas obras deixem os quadros e ganhem outros ambientes e formas, as relações entre o público e a arte se modificam, há a exploração de materiais simples do nosso cotidiano — como pedras, areia, água, conchas, sacos plásticos, entre outros —, e há o convite à reflexão sobre as manifestações artísticas, conciliando experimentação e participação.

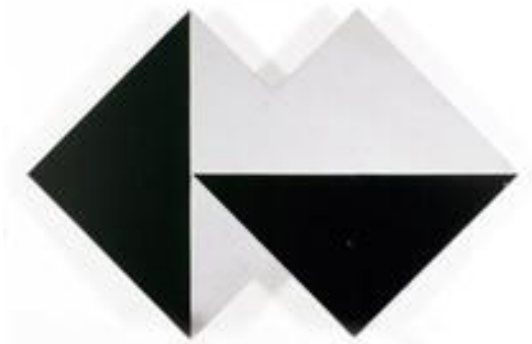
3.1 Superfície Modulada

Lygia Clark faz uso das linhas orgânicas em sua série intitulada *Superfície Modulada* (1955-1959), onde o quadro se desfaz para depois ser composto pela justaposição de peças com figuras geométricas, em superfícies planas

Como bem nos assegura Oramas (2018), pode-se dizer que as linhas orgânicas citadas aqui não são linhas desenhadas, mas que são criadas através dos espaços existentes entre a junção das peças. A linha, aqui, existe de fato, invade a moldura e se incorpora ao quadro.

Em *Superfície Modulada*, Lygia propõe uma nova forma de observar a obra. Pode-se perceber na ilustração abaixo (figura 1), que o uso das cores limitadas, o uso de materiais tradicionais utilizados na pintura, já não são mais os mesmos.

Figura 1: Lygia Clark, *Superfície Modulada*, 1958.



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/lygia-clark/superficie-modulada-1958>

É importante destacar na ilustração acima, a interação entre a linha orgânica e os espaços internos e externos da obra. Conforme Leão (2002), na descoberta da linha orgânica, Lygia tira o tridimensional do bidimensional, a linha muda sua função e dá vida à obra. Neste contexto, a linha orgânica integra o ambiente, pois não se tem mais as limitações impostas pela moldura. O autor deixa claro que, a partir daí, começa uma transição entre a pintura e a escultura.

Há possibilidade de recriar a obra de Lygia Clark e, dentro dessa perspectiva, utilizar materiais de fácil acesso, como papel cartão ou papelão, cola branca, papel EVA cortado em formas geométricas com texturas diferentes, de cores escuras e claras, pois o aluno com baixa visão em alguns casos consegue identificar esse contraste entre as cores. As peças em EVA serão montadas como em um quebra-cabeça, utilizando como suporte papel cartão ou papelão.

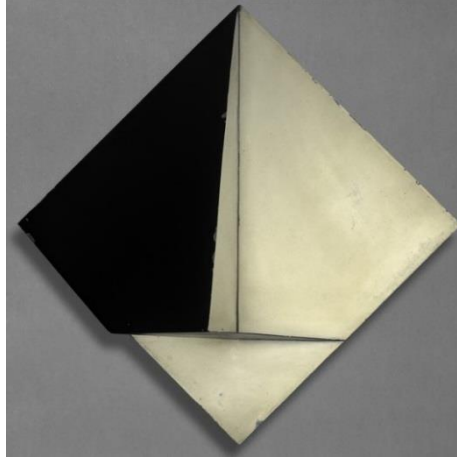
Com o apoio do processo de audiodescrição, o primeiro passo será apresentar a artista e descrever as diferentes características da obra original. Logo após, colocar o aluno em contato direto com a obra adaptada e descrever as diferentes características do objeto. Sendo assim, o aluno cego ou com baixa visão poderiam fazer uso do mesmo material utilizado para adaptação, e ter uma experiência sensorial, tátil e audiodescritiva, através do contato direto com a obra criada.

3.2 Casulos

Lygia Clark partiu da premissa de que a obra não deveria apenas ser observada, mas sim tocada e manipulada pelo sujeito, tornando-o assim parte da obra. Em 1959 deu início à série denominada *Casulos*, na qual a obra sai do plano, ou seja, da moldura, e começa a ganhar formas tridimensionais, projetando-se de dentro para fora, como se fosse empurrada.

É possível verificar, por exemplo, que os *Casulos* são criados a partir da necessidade da mudança do plano para o tridimensional; dessa forma, a artista propõe uma aproximação entre o plano e o sujeito. Seu material é composto por metal, que possui dobras em suas partes pretas e brancas; essas dobras permitem que vão surgindo espaços novos e a partir desses espaços se forma o dentro e o fora. Agora a obra está fora das paredes, embora ainda esteja presa a ela (ORAMAS, 2018).

Figura 2: Lygia Clark, *Casulo* n.2, 1952.



Fonte: https://s3.amazonaws.com/moma-post/assets/18220/full/TR15659.21_Clark-Full_JPEG.jpg?1499893854

É possível adaptar a obra ao trabalhar com origamis através de dobras e vincos, utilizando folhas de papel; usam-se nesse processo folhas brancas e coloridas, considerando que a deficiência visual compreende não somente os alunos cegos, mas também os que possuem baixa visão. A partir disto, pode-se realizar a construção de casulos e, principalmente, propiciar uma experiência estética e sensorial por meio das inúmeras possibilidades que as dobras oferecem. O processo de audiodescrição ocorre desde o princípio, com a descrição das características da obra original.

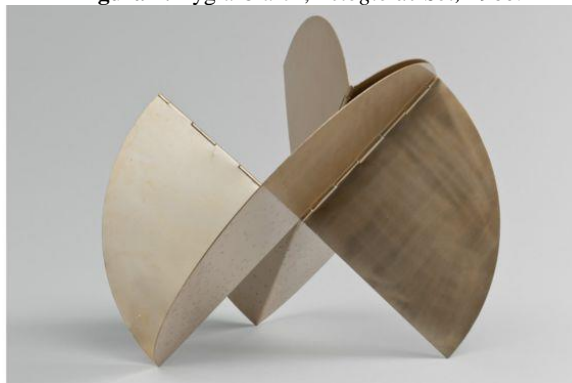
3.3 Bichos

Lygia Clark em 1960 cria a série intitulada *Bichos*, série esta que irá marcar a vida artística da artista e o momento histórico do movimento neoconcretista, pois é a partir desse momento que a relação do espectador com a obra é transformada. Os *Bichos* são compostos por chapas de metal polido com formas geométricas, unidas por dobradiças, que se articulam entre si, através da manipulação do espectador. A princípio a obra não tem significado algum,

é o espectador que dará sentido àquela estrutura, pois a partir dos movimentos feitos com qualquer uma das placas, a obra se transforma totalmente (LEÃO, 2002).

Conforme explicado acima, Lygia buscava uma forma de aproximação entre a arte e a vida. É importante considerar que seu objetivo, no entanto, era que essa aproximação se realizasse por meio dos movimentos; por exemplo, através da exploração que, por sua vez, oferece inúmeras experiências sensoriais ao expectador.

Figura 1: Lygia Clark, *Relógio de Sol*, 1960.



Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/05/140508_galeria_moma_lygia_clark_rb.

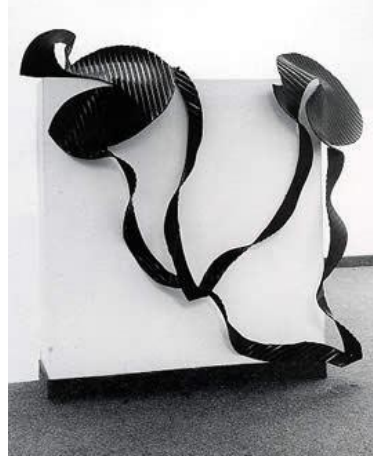
Esta obra pode ser reproduzida utilizando materiais de fácil acesso e baixo custo, como papelão cortado em formas geométricas e unidas por fita adesiva, de forma que a fita irá fazer o papel das dobradiças. Utilizar-se-ão cola branca e papel laminado para dar cor à peça, lembrando que não é uma adaptação realizada somente para alunos cegos, mas também para os com baixa visão. O processo de audiodescrição ocorre a partir da obra original, com riquezas de detalhes. Por meio dos bichos adaptados, o aluno cego ou com baixa visão poderá tocar, sentir, manipular e descobrir formas.

3.4 Obras Moles

O movimento não é mais definido pelas dobradiças compostas de metal polido e de forma geométrica. Os bichos perderam as dobradiças e ganharam maleabilidade. Feitos de borracha, podem ser pendurados em qualquer lugar. Essa nova série de criação da artista de 1964, denominada de *Obra Mole*, não necessita de um suporte fixo, pode ser tocada, pendurada e, à medida que fica pendurada, ganha peso, tomba e se transforma (LEÃO, 2002).

Em tese, a *Obra Mole* permite inúmeras proposições sensoriais, nos convida a novas experimentações e nos mostra novos significados. Conforme explicado, a obra atua sobre todo o corpo, ela é o próprio corpo porque pode usar qualquer suporte, como tronco de árvore, caixas, escadas etc. (FILHO, 2014).

Figura 4: Lygia Clark, *Trepantes* – 1964 - da série *Obra Mole*.



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/lygia-clark/#jp-carousel-10853>.

Com a *Obra Mole* adaptada, os alunos poderão se relacionar corpo a corpo com a obra. Logo, a adaptação poderá ser realizada utilizando papel EVA de diferentes cores. Para a realização do processo de adaptação, serão utilizados tesoura e lápis preto para desenhar os contornos e marcar EVA. O processo de audiodescrição partirá da descrição da obra original com riqueza de detalhes.

4 Considerações finais

A pesquisa teve como objetivo geral a compreensão de como a adaptação de materiais didáticos pode contribuir para o ensino das artes visuais para alunos cegos ou com baixa visão, a partir do contato com releituras de obras de arte adaptadas. Constatou-se que o objetivo geral foi atendido, pois o trabalho conseguiu demonstrar os benefícios que o uso das obras da artista Lygia Clark pode proporcionar a esses alunos, além disso, permitiu utilizá-las

como diferentes recursos didáticos e avaliar como esses recursos auxiliam na aprendizagem do aluno cego ou com baixa visão.

É preciso buscar meios e materiais para trabalhar com o aluno cego ou com baixa visão, o que pode ser feito com materiais de fácil acesso. O aluno com deficiência visual deve ser estimulado em todos os sentidos; o uso de cores de diferentes tonalidades é uma forma de auxiliar a quem tem baixa visão a identificá-las pelos contrastes existentes entre elas; já o uso de materiais com texturas diferentes revela o maior número de detalhes e algumas características; o tato é um dos sentidos que pode aprimorar a capacidade perceptiva e a organização mental do educando.

Dada a importância do tema, observa-se a necessidade de buscar informações e aprimoramento na formação continuada dos professores; as instituições de ensino devem garantir que os professores tenham acesso a materiais que viabilizem o trabalho em sala de aula e assim garantir um ensino de maior qualidade, que atenda às diferentes necessidades dos alunos.

Referências

BARBOSA, A. M. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2004.

BARROS, A. M. **Práticas discursivas ao olhar**: Notas sobre a evidencia e a cegueira na formação do pedagogo. 2. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 19 abr. 2019.

BRASIL. **Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 1961. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/108164/lei-de-diretrizes-e-base-de-1961-lei-4024-61>. Acesso em: 19 out. 2019.

BRUNO, M. M. G.; MOTA, M. G. B. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental**: deficiência visual. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001. v. 2, fasc. 4. Disponível em MEC: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/def_visual_2.pdf Acesso em 25 de 09 de 2019.

FERNANDES, S. **Fundamentos para educação especial**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

FILHO, P. V. **A presença da arte**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2014.

LEÃO, L. **Interlab labirintos do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LOURENÇO, Clediane. **Entre cores, formas e labirintos**: arte tridimensional. Curitiba: Intersaberes, 2017.

MOSQUERA, C. **Deficiência visual**: do currículo aos processos de reabilitação. Curitiba-PR: Editora do Chain, 2014.

ORAMAS, L. P. Parte 1: Lygia Clark: Se você segura uma pedra. *In*: **MoMA**, Notes on art on a global context. New York, 25 abr. 2018. Disponível em: https://post.at.moma.org/content_items/1043-part-1-lygia-clark-if-you-hold-a-stone Acesso em 14 de Out de 2019.

REILY, Lucia. **Escola inclusiva**: linguagem e mediação. Campinas: Papyrus, 2004.